



GT 40. Etnografia e documentos

Coordenador(es):

Bruner Titonelli Nunes (Pesquisador Independente)

André Gondim do Rego (IF Brasília)

Sessão 1

Debatedor/a: Bruner Titonelli Nunes (Pesquisador Independente)

Sessão 2

Debatedor/a: Maria Fernanda Maidana (Universidad Nacional de Tierra del Fuego)

Sessão 3

Debatedor/a: Martiniano Alcantara Neto (Universidade de Brasília)

Os documentos fazem parte do conjunto de materiais e artefatos acessados (e produzidos!) pelos antropólogos desde a institucionalização da disciplina. Em períodos diversos, eles atingem níveis de importância e de centralidade na consolidação do campo antropológico; níveis que vão do desprezo, enquanto fonte de informação imediata e dominação sobre aquilo que se documenta (LATOURET, 2012), ao esforço de encará-los por uma leitura a contrapelo, evidenciando as suas capacidades organizativas e criativas (HULL, 2012; ZEITLYN, 2012). Cada vez mais, os documentos são incorporados à prática etnográfica. Em várias de nossas pesquisas antropológicas, partes significativas do ponto de vista de “nossos outros” podem estar documentadas nos mais diversos formatos. Olhar atentamente para documentos representa uma porta de acesso às lógicas e práticas de funcionamento dos ambientes que os produzem, dos circuitos que eles são colocados e operam, das redes em que figuram e das relações de poder que aderem a eles. Esse GT pretende receber reflexões e estudos que perpassam a relação entre etnografia e documentos em diferentes sentidos. Nosso interesse recai tanto em investigações que tenham os documentos como elemento central, como para outras que os transpassam e os transbordam para o melhor entendimento do universo estudado.

Documentos: Os esforços e as relações sociais na formação de informações, da História e de memórias.

Autoria: Kaléo de Oliveira Tomaz (UNICAMP - Universidade Estadual de Campinas)

Este work se propõe a discutir qual seria a natureza da documentação antropológica, bem como quais são as possibilidades de se fazer uma etnografia sobre e deles. Ainda que o recurso à documentação etnográfica histórica em antropologia não seja recente, viu-se aumentar os espaços para uma reflexão sobre as implicações os usos dessas fontes nas últimas décadas, principalmente para compreender a trajetória de diversos antropólogos e da própria disciplina. Proponho contribuir com esse debate a partir de uma análise que se inicia em um ponto específico: um conjunto de documentação pertencente ao arquivo de Roberto Cardoso de Oliveira (1928-2006), depositado no Arquivo Edgard Leuenroth da Unicamp. Pretendo pensar sobre a constituição de uma coleção arquivística, bem como os múltiplos significados possíveis de seu estudo. É preciso questionar se de fato esse conjunto tem a capacidade de reter informações e memórias, e de quais tipos. Mais do que isso, é preciso também pensar quais os desafios que são impostos aos documentos, dado as crescentes transformações tecnológicas e de informática. Também pretendo refletir sobre esses processos a partir de uma comparação entre o sentido que três antropólogas fazem à palavra ?Documento?: Mariza Peirano, Olivia Maria Gomes da Cunha e Maria Cristina Castilho Costa. Cada uma delas



faz seu work se debruçando sobre Documentos diferentes, sendo que enquanto a primeira foca nos documentos pessoais, como a carteira de identidade, a segunda está olhando para documentos arquivísticos que antropólogos desenvolvem durante sua carreira. Já a terceira autora desenvolve sua discussão sobre documentos arquivísticos produzidos pela censura estatal. Cada um desses tipos de Documentos, embora tenham origens e funções diferentes, ainda são alvo de uma pesquisa etnográfica documental. Desta forma, analisar o que unifica a estes três tipos de 'papeis' possibilitando uma etnografia de documentos ajuda a iluminar as questões e as investigações que tiveram partida nos documentos pertencentes ao arquivo Roberto Cardoso de Oliveira. Isto porque, analisar as congruências e semelhanças no work das três autoras, tanto em suas perguntas quanto em suas respostas, permite compreender o que constitui um documento no pensamento antropológico.

[Trabalho completo](#)



Sobre a 32 RBA

Em 2020, a Reunião Brasileira de Antropologia vai ocorrer de modo remoto entre os dias 30 de outubro e 06 de novembro. O evento é realização da Associação Brasileira de Antropologia e da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), palco de muitas histórias de luta pela afirmação do caráter público e socialmente comprometido do conhecimento que produzimos. Estarão em discussão, na 32ª RBA, não apenas os diversos temas que constituem o verdadeiro tesouro investigativo que a antropologia brasileira forjou ao longo de várias décadas, mas também as graves questões colocadas pelo inquietante contexto social e político atual. Nele, vislumbram-se inúmeros desafios a direitos consagrados pela Constituição Brasileira e a valores éticos centrais à atuação das e dos antropólogos, especialmente o respeito às diferenças sociais, culturais e políticas, baseadas em etnia, raça, religião, classe, gênero, sexualidade, origem regional, nacionalidade, capacidades corporais etc. Hoje, mais que em qualquer outro momento histórico, os saberes antropológicos são veementemente instados a aprofundar a análise dos muitos problemas nacionais, entre os quais, a crescente desigualdade social, a real vulnerabilidade de grupos e populações e os elevados índices de violência no campo e nas cidades. Que a 32ª RBA possa trazer contribuição relevante ao país e à comunidade antropológica brasileira, em seu contínuo e árduo trabalho de refinar saberes insubmissos a todas as forças e poderes que ameacem a diversidade humana e naturalizem as desigualdades sociais.

Realização:



Apoio:



Organização: